



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte  
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

**EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.**

**ISSN 2179-8141**

**A MÚSICA E O MOVIMENTO: UMA PROPOSTA PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Acadêmico Giovane Nobre (giovanenobre@hotmail.com)

Percebemos escassez de estudos sobre a música na Educação Física. E, quando acontece, ainda se resume ao papel de recurso didático. Partindo da idéia de que a formação de professores mantém parte dessa problemática (pois são poucos os cursos que integram o aprofundamento musical como elemento importante a ser contemplado no currículo), apresentamos o desenvolvimento inicial de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que se propõe a trabalhar e desvendar a potencialidade e a carência na formação de professores, sobretudo de uma Instituição Federal de Ensino Superior, quando tratamos de música/musicalidade na Educação Física.

Palavras-chave: Música. Musicalidade. Educação Física Escolar.

**Introdução**

A música é uma linguagem artística bastante presente nos cotidianos. Dificilmente conheceremos uma pessoa a qual, de alguma forma, não esteja inserida em uma “cultura musical”. Mesmo aquelas que não podem ouvir a vivenciam, dialogando corporalmente com as vibrações.

Historicamente, a música esteve ligada ao movimento corporal e este provavelmente surgiu como uma construção cultural derivado do “desejo e necessidade de mulheres e homens se situarem no mundo” (CARVALHO, 2008, p.1), o que culminou no surgimento das Linguagens. Assim como a linguagem poética pressupunha a oralidade, a música pressupunha o movimento. Ela, essencialmente, é movimento, pois o som, segundo a Física, é conceituado como uma onda vibratória e periódica propagada num meio (solido, liquido ou gasoso) que pode ser captada e interpretada por um ser vivo. E, o movimento ondulatório é resultado de uma ação. Por isso, "Das tribos isoladas da Nova Guiné às refinadas troupes do Balé Bolchoi. A resposta do corpo à música é amplamente praticada como uma maneira de aprimorar a qualidade da experiência" (Csikzentmihalyi apud Braga, 2002, p. 16)

Diferente de uma concepção que aponta a Música como uma “técnica”, aqui proclamamos como a arte de brincar com os sons e silêncio. Assim, pode ser democrática, pois seus ingredientes estão no mundo e este está repleto de ruídos, sons e silêncios esperando para tornarem-se musicas. Dessa forma, espaços e instituições sociais também são perpassados pela a musicalidade do mundo, no entanto, de forma diferenciada. Há um distanciamento considerável na produção musical no “campo da arte” e em como ela compõe os currículos nas escolas. As escolas não especializadas, de maneira geral, ainda utilizam a musica a partir de uma visão utilitarista e não a partir do poder estético formador que essa arte tem em si mesma. Além do uso utilitarista, o espaço escolar pouco tem relacionado essa arte ao movimento humano. Portanto,



## IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



### EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

entendendo a Educação Física como uma área de conhecimento que tematiza o movimento humano através das práticas corporais culturalmente construídas (COLETIVO DE AUTORES, 1992), podemos destacar a importância desta área em elaborar formas de relacionar essas dimensões.

No campo da música, aprofundam-se estudos que procuram “corporalizar” o ensino da música. A utilização do corpo como um meio de ampliar a experiência musical nos processos de ensino-aprendizagem, fortalece-se a partir do século XVIII. Naquele período, a filosofia cartesiana ganhava espaço dentro das concepções sobre a música. Tal filosofia retomou a linearização e matematização da música, outrora desenvolvida pelos gregos que advogavam o platonismo. O pensamento cartesiano sistematizou o racionalismo e rejeitou qualquer conhecimento que não advinha do pensamento lógico. Assim como a noção de corpo foi dilacerada, hierarquizada e racionalizada, a música também o foi, em seus elementos quantificáveis. Dessa forma, para o entendimento da música em sua totalidade, precisava-se entender logicamente todas as partes que a constituía. O surgimento do metrônomo como um instrumento, cuja função é marcar, matematicamente, o andamento da música, expressa processo de “artificialização” do tempo.

Um dos primeiros pensadores da Educação a organizar uma proposta pedagógica de educação musical foi Jean-Jacques Rousseau. Para o compositor, a “Educação calcada na razão nada contribuía para humanidade” (LIMA, 2007, p. 98) e, nesse sentido, a música deveria ser um meio de expressão dos sentimentos. Como integrante do movimento naturalista, ainda propôs que a música também valorizasse a natureza humana, baseando-se no princípio: “O homem é bom por natureza. É a sociedade que o corrompe” (Rousseau apud Lima, 2007, p.100).

Pestalozzi, também integrante do movimento naturalista, ampliou a visão de Rousseau sobre a Educação. Tenciona as contradições entre o homem natural e social ilustrando que o constante atrito entre essas dimensões dava origem ao homem moral. A ideia de reforma social, através da Educação é um dos pilares de sua teoria. Nesse sentido, da mesma forma que Rousseau, valorizou uma educação baseada na experiência prática e afetiva.

Esses pensadores prepararam o terreno para educadores musicais cujos estudos tonaram-se fundamentais no sentido de “corporalizar” a educação musical. Dalcroze, segundo Lima (2007), notório expoente desse movimento, foi um dos pensadores que preconizava, para o ensino da música, a vivência corporal. Assim, qualquer fenômeno musical só poderia ser entendido como uma ação corporal e, por isso, a aquisição e desenvolvimento dessa linguagem artística, também deveria ser feito através do corpo. O início de seus estudos dedicaram-se a rítmica, categoria da música que norteia seu trabalho. Para ele, o corpo humano era uma orquestra desafinada, pois suas dimensões não agiam de forma conjunta, mas fragmentada e seu trabalho visava integrá-lo. Sua pedagogia poderia ser resumida da seguinte forma: “para cada som existem um movimento análogo, e para cada movimento existe um som análogo” (Dalcroze apud Lima, 2007, p.101). O trabalho por ele desenvolvido teve repercussão nas diversas áreas, inclusive na Educação Física.



## IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



### EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

#### O TCC (Trabalho de Conclusão de Curso)

Pensamos a relação que a música estabelece com o corpo, a partir da seguinte afirmação: as músicas produzem ou podem produzir políticas do Corpo, formas de pensá-lo, senti-lo e criá-lo. A partir dessa hipótese, como o curso de licenciatura em Educação Física de Instituição Federal de Ensino Superior vem trabalhando a relação musica-corpo na formação de professores?

O TCC também se esforça para inscrever-se no conjunto de estudos que procuram se aprofundar nos aspectos corporais da experiência musical, assim como nos aspectos musicais da vivência corporal e que procuram legitimar a inserção da música nas aulas de educação física.

Como discussão de fundo, contextualizaremos brevemente a temática às mudanças sociais decorridas das transformações dos modelos econômicos, sobretudo, as mudanças sociais derivadas das transformações do sistema Capitalista. Contudo, nosso foco se deterá nos impactos que essas mudanças provocaram no corpo e nas músicas de maneira geral.

Ao mencionar a metodologia dessa pesquisa, é importante destacar que colocar-se presente nas palavras que escrevemos é, para muitos, um ataque a suposta neutralidade cuja ciência advoga. Suposta, pois atuar em favor da neutralidade científica expressa uma posição política, um projeto de mundo e sociedade. Denise Najmanovich (2001), nos ajuda a entender que as políticas da modernidade coagem ao discurso do enunciado, a ocupação por um sujeito abstrato e universal. Um sujeito cujas narrativas de sua história, são irrelevantes nas páginas de seu trabalho.

Para Walter Benjamin (1994), a história “designa tanto o processo de desenvolvimento da realidade no tempo, quanto o estudo desse processo ou um relato qualquer” (BENJAMIN op. cit. GAGNEBIN, p.7). Sua teoria, ao valorizar as narrativas, dá destaque e importância às experiências de vida e salienta o caráter político de entender a História como uma multiplicidade de histórias. Nessa perspectiva, homens e mulheres fazem a História a partir de suas histórias. Dessa forma, contar nossas histórias indica pegar para si, também, a responsabilidade de construir aquela história que se convencionou escrever com o “H” maiúsculo e a qual poucos são os que esta reconhece como seus construtores.

Nesse sentido, a metodologia proposta para pesquisa é aquela na qual se entende o cotidiano como produtor de conhecimento, formas de pensar, agir, sentir, criar, modos singulares de se articular com o tempo/espço. Apesar de ainda ser um tipo de pesquisa marginal nos círculos acadêmicos, inúmeros estudiosos/as já vem dedicando-se a esse tipo de pesquisa.

Essa perspectiva metodológica dialoga com uma Licenciatura que foi criada tendo como princípio uma Educação Física para todos e não apenas para os mais habilidosos, para gente comum que quer praticar atividades de Educação Física com fins educativos, estéticos, de aprimorar a saúde ou como atividade de lazer. O contato com os professores no cotidiano do curso é singular, pois não há hierarquias na relação professor-aluno. Para ilustrar essa realidade, hoje temos um colegiado de curso paritário, formado por 3 técnicos, 3 alunos e 3 professores.



## IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



### EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

A pedagogia tradicional construiu, como representação, a figura do/da professor/a como sendo autoridade suprema na sala de aula. O/A professor/a não erra. Não pode ser questionado. Sabe o que é melhor para nós. Embora essa pedagogia ainda esteja fomentando praticas no cotidiano, ele também trata de abalar essas estruturas. No curso mencionado, vemos professores/as fomentados por princípios mais humanos e não “academicistas” maquínicos. Professores “jogando conversa fora”, travando embates se Maria Gadú é melhor musicista que Marisa Monte, contando piadas “sem-graça”. Por isso, temos muito que aprender com a riqueza e alegria do cotidiano desse instituto.

Para entender e pesquisar o cotidiano é preciso mergulhar no conjunto de narrativas nele construídas. É reconhecer, e, sobretudo, reconhecer-se dentro dessa complexa teia de acontecimentos. Nilda Alves (2001) propõe quatro aspectos a serem abordados para a compreensão da complexidade do cotidiano. O primeira refere-se a forma dominante de “ver” a realidade. A modernidade valorizou a visão como o sentido humano de maior importância e, nessa perspectiva, uma cultura hiper-visual foi construída. A visão, então, como um sentido culturalmente construído, é também alvo de políticas.

A modernidade, como movimento filosófico político, construiu a “visão recorte da realidade”. Assim, a visão assemelhava-se a um quadro renascentista, ou uma foto. Numa foto, ao enquadrar só parte do contexto, você faz uma escolha política daquilo que quer mostrar. A visão humana, da mesma forma, cria planos hierárquicos, pois ao escolher olhar somente para ponto da realidade deixa escapar a complexidade imagética que aquela realidade pode oferecer. Na modernidade, porém as diversas formas de olhar e entender a mesma realidade são reprimidas pelo “olhar matemático”. Os cientistas, nesse sentido, são a expressão máxima desse olhar soberbo, que distancia o sujeito do objeto. Por isso, a autora propõe um mergulho com todos os sentidos

O segundo aspecto a ser destacado pela autora, chama-se “virar de ponta cabeça”. Esse aspecto diz respeito a não somente amparar as pesquisas nas teorias historicamente consolidadas, mas vê-las desde o início como um limite à pesquisa. Ao mesmo tempo, elaborar um processo de revolução molecular das a partir das formas de pensamento marginalizadas.

O terceiro, resalta a importância de pensar a multiplicidade e complexidade que a pesquisa no cotidiano requer. Nilda salienta a não restrição a uma só categoria de análise, mas orientar a pesquisa no sentido de “beber em todas as fontes” inclusive naquelas subjulgadas e que ainda precisam ser construídas.

O quarto aspecto denominado pela autora de “Narrar a vida e literaturizar a ciência” ressalta que apesar das concepções sofisticarem-se no sentido de uma legitimação do conhecimento produzido no cotidiano, as formas como as expressamos são pautadas em um modelo de escrita harmônico às políticas da modernidade. Portanto, a autora propõe outra forma de escrita,

(...) aquela que talvez se expresse com. Múltiplas linguagens (de sons, de toques, de cheiros etc.) e que, talvez, não possa ser chamada mais de ‘escrita’; que não obedeça à linearidade de



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte  
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

**EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.**

**ISSN 2179-8141**

exposição,mas que teça,ao ser feita,uma rede de múltiplos,diferentes e diversos fios;que pergunte muito além de dar respostas; que duvide no próprio ato de afirmar, que diga e desdiga, que construa uma outra rede comunicação, que indique,talvez, uma escrita/fala,uma fala/escrita ou uma fala/escrita fala. (ALVES, 2001, p.29)

Assim, Nilda recomenda um mergulho em uma narratividade viva. A valorização da narrativa é também valorização da experiência. É entender que produzimos nossas “pequenas” histórias e que estas, também, são importantes no desenvolvimento da História.

**Breves Considerações**

A estrutura do projeto de TCC conterà quatro partes. A primeira, expressará o que chamamos de “Música”. Ressaltaremos seu poder educacional enquanto uma linguagem artística e também as políticas que produz e as que a condiciona. A segunda, abordará brevemente o “Corpo”, a partir de como é tematizado nas diversas áreas de conhecimento, como produz histórias singulares e como é produzido pela conjuntura atual. A terceira, fará referencia a como o ensino superior em Educação Física, sobretudo, daquela a qual faço parte, vem abordando a relação Musica-movimento. A quarta, pretende construir teias emaranhadas com as três outras partes. Procuraremos entender se a vivência musical pode produzir políticas do corpo e se é possível legitimar e inserir a musica no cotidiano das aulas de Educação Física.

Esse projeto dialogará com uma Educação Física multidimensional e democrática. Concebida para pessoas comuns

**Referencias**

ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês. **Pesquisa no/do cotidiano nas escolas – sobre redes de saberes.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

BRAGA, Joseni Marlei Paula. **Elementos musicais a serem abordados na formação profissional em Educação Física.** Campinas. SP: [s. n.], 2002. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, de Educação Física.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura;** tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994, 7<sup>a</sup> Ed.

CARVALHO, Rosa Malena. **Para começo de bailado.** In PEJA – SME/RJ: Material de linguagens artísticas, 2008. Material multimídia.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física.** São Paulo: Cortez, 1992.



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte  
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



**EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.**

**ISSN 2179-8141**

LIMA, Sonia Albano de; RÜGER, Alexandre Cintra Leite. **O trabalho corporal nos processos de sensibilização musical.** Opus, Goiânia, 2007, v.13, p. 97 – 118.

NAJMANOVICH, Denise. **O Sujeito Encarnado – questões para pesquisa no/do cotidiano.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

ZAGONEL, Bemadete. **O que é gesto musical.** São Paulo: Brasiliense, 1992.